

16-09-2024

SENTIMENTOS FORJADOS NUMA POLICLÍNICA

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva - UFMT]

A ROTINA DE UMA POLICLÍNICA PODE SER TRADUZIDA NUMA MISCELÂNEA DE SENTIMENTOS.

O PRIMEIRO sentimento é a dificuldade da população compreender a Rede de Atenção à Saúde, porque muitas pessoas poderiam ser atendidas em uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF) mas, insistem, brigam e parecem que não querem compreender. Então, precisamos questionar... E o papel da ESF? Segundo informações dos pacientes, o atendimento na atenção secundária, embora demorado em horas de espera, é mais célere para exames, por isso, preferem a Policlínica. //

O SEGUNDO sentimento permeia a falta de investimento em infraestrutura, recursos materiais e capital humano. Faltam melhorias, condições salubres, mobiliário adequado, conforto mínimo aos profissionais e pacientes. Quando se trata de recursos materiais é uma luta, parece um descaso, e, na verdade, é! A manutenção e substituição de um simples aparelho de glicosímetro, uma braçadeira de monitor, tudo é uma peleja. Alguns equipamentos básicos como termômetro, a gente compra e traz, porque cansa de solicitar. E as pilhas para esses equipamentos, esquece, compre a sua, vai ser mais rápido. // O TERCEIRO está relacionado à violência que sofremos todos os dias, grande parte da população e do poder público que nos negligencia, mal remunera, não repassa corretamente os valores de insalubridade. Claro, “há privilégios”, sobre isso, respaldam médicos e enfermeiros de forma diferenciada, como se os médicos fossem mais suscetíveis que os enfermeiros a se contaminar, adoecer etc. Os técnicos em enfermagem, coitados! Esses ficam à mercê. // O QUARTO, a desvalorização: salário e piso salarial, qualificação profissional que ninguém valoriza. Esses fatores desmotivam, e claro, por não ter perspectivas de melhorias, o profissional vai ficando, mas com sentimento de que precisa ir com um mix de não querer realmente ficar. Muitas vezes o profissional permanece no serviço quase que por missão porque se dedicou muito a ocupar espaços. // O QUINTO, um sonho utópico, de ver um Sistema Único de Saúde que seja robusto, pujante, com condições de acolher profissionais e usuários em consonância com os seus princípios: universalidade, integralidade e equidade. Como falar de equidade se os profissionais de nível superior são remunerados de forma diferente mesmo quando dividem o mesmo espaço e estão sujeitos aos mesmos riscos? Quem garante a integralidade de uma assistência que não é integral nem mesmo com as condições de referência e contrarreferência? // O SEXTO, a voz silenciada. Apenas alguns profissionais são ouvidos. Os demais são silenciados e se cansam. Alguns se consideram “os deuses do olimpo, detentores do conhecimento máximo que os outorga a condição do auspício da sapiência”. Os silenciados não mais verbalizam para

... preservar saúde mental e não gerar desconforto, uma vez que a sua voz é: inodora, insípida e incolor. // O SÉTIMO resulta dos respaldos, e alguns profissionais têm respaldo para tudo, e, os demais, para quase nada. Quem respalda quem? Quando pode fazer isso ou aquilo? A quem convêm permitir realizar tal e tal procedimento? Quem nesse “céu caído” pode dar a benção divina? Quem tem a oportunidade e condição de ser ouvido num disparate de surdos da coisa pública? É uma crise de labirintite constante, todos ficam estonteados e sofrem de hipotensão postural por não se aguentar com as próprias pernas, cansadas de correr, plantão atrás de plantão, sempre no enfrentamento das mesmas condições/situações. // O OITAVO, descreditação, numa “quase certeza” de que as políticas públicas são feitas para não funcionar, porque embora bem constituídas nas portarias, regras e regulamentações, não dispõem de plenitude na construção das suas práticas. Desperta aquelas sensações de que a gestão muitas vezes desconhece quem são os seus profissionais, os seus talentos disponíveis, ou seja, não mapeou quem é o capital humano e expertise de que dispõe. Numa epifania de estudá-los e reconhecê-los, seriam bem alocados e utilizados dentro de uma rede de atenção à saúde com mais efetividade. // O NONO, cansaço, e vai dando um cansaço, que meu Deus! Por que a coisa pública tem que ser assim? Por que? O poder público perde, a sociedade perde e todos se perdem. É um desencontro entre população que desconhece os seus deveres e acha que conhece muito dos seus direitos, mas, que na verdade, não quer ou tem medo de exercer a sua parcela de poder como controle social. A única coisa que a população faz bem é agredir verbalmente, fisicamente, e esbravejar filmando expondo todos com os seus celulares, num rompante de repórter criminal e investigativo quando tem um furo de manchete. Sinceramente, trata o profissional por detrás da mesa como objetificável. E o acolhimento aos profissionais de saúde? Sem respeito, são provocadas situações apocalípticas devido à falta de educação e grosseria humana. // O DÉCIMO sentimento (talvez último), e esse vem do âmago, que é se colocar à prova e não querer prosseguir, porque, para o que você se propôs a fazer é especial, mas tem perdido o sentido. E, aquilo que te pagam, além de muito pouco, não faz jus ao desgaste de plantão a plantão para se assegurar nessa seara. Utopicamente, pensar que a melhoria poderá vir de agentes públicos (des)engajados e políticas (des)conectadas com sua função ordinária num mar de gente com controle social - população (des)conhecedora do que é o SUS, asSUSta! A condição de discrepância entre profissionais de nível superior, população, e tantos outros problemas que a enfermagem enfrenta para sobreviver em meio ao caos que a coloca, desmerece a categoria da saúde que está em todos os serviços diuturnamente (24h) desenvolvendo diversas ações.

E, são esses mesmos profissionais que sofrem injúrias do poder público quanto aos seus direitos, que ainda continuam assegurando o pleno desenvolvimento das atividades de saúde em todas as frentes de trabalho no SUS.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.